

ORIENTALISMO COMO CONFIGURAÇÃO: APROXIMAÇÕES OUTSIDERS ENTRE NORBERT ELIAS E EDWARD SAID

Orientalism as configuration: outsider connections between Norbert Elias and Edward Said

Orientalismo como configuración: conexiones externas entre Norbert Elias y Edward Said

Anthony Nunes Rodrigues Oliveira


Mestrando em Sociologia (PPGS)


Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFS)

São Cristóvão-SE, Brasil

anthony.nro@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-2622-2194> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este artigo tem como proposta analisar as contribuições das ideias do sociólogo alemão Norbert Elias, em “Os Estabelecidos e os Outsiders”, através do seu conceito de ‘configuração’ e a estruturação do poder relacional na sociedade a partir dos Estudos de Comunidade. Além disto, pretende-se revisitar também a obra de Edward Said “Orientalismo: o oriente como construção do ocidente” e suas análises sobre o fenômeno do “orientalismo” como uma prática discursiva ideológica de produção de uma outridade pelas instituições do Ocidente. Por fim, pretendo traçar conexões entre ambas as obras, entendendo o orientalismo como um plano configuracional marcado por posições de poder estabelecidas-outsiders.

PALAVRAS-CHAVE: configuração; orientalismo; relações de poder; estabelecidos-outsiders

ABSTRACT

This article aims to analyze the contributions of the ideas of a German sociologist, Norbert Elias, in 'The Established and the Outsiders' through his concept of 'configuration' and the structuring of relational power in society based on Community Studies. In addition, it is intended to revisit Edward Said's work 'Orientalism: Western Conceptions of the Orient' and his analyses of the phenomenon of 'orientalism' as an ideological discursive practice for producing otherness by Western institutions. Finally, I intend to draw connections between both works, understanding orientalism as a configurational plan marked by established-outsiders power positions.

KEYWORDS: configuration; orientalismo; power relationships; established-outsiders;

RESUMEN

Este artículo tiene como propuesta analizar las contribuciones de las ideas del sociólogo alemán Norbert Elias en *Los establecidos y los outsiders*, a través de su concepto de ‘configuración’ y la estructuración del poder relacional en la sociedad a partir de los Estudios de Comunidad. Además, se pretende revisitar también la obra de Edward Said *Orientalismo: el oriente como construcción de Occidente* y sus análisis sobre el fenómeno del “orientalismo” como una práctica discursiva ideológica de producción de una otredad por parte de las instituciones de Occidente. Por último, se pretende trazar conexiones entre ambas obras, entendiendo el orientalismo como un plano configuracional marcado por posiciones de poder establecidos-outsiders.

PALABRAS CLAVE: configuración; orientalismo; relaciones de poder; establecidos-outsiders

1 INTRODUÇÃO

As relações de poder são objeto de estudo dos mais variados campos das ciências humanas e sociais. Autores como Marx e Weber se debruçaram sobre estes temas como clássicos da sociologia; o primeiro, dando ênfase aos processos de constituição do poder econômico de classe e os impactos da organização do mundo no modo de produção capitalista; e o segundo, observando o poder a partir dos processos de constituição do *ethos* subjetivo capitalista e da burocratização como modo de dominação racional. Durkheim, por outro lado, deu menos ênfase aos modos de dominação e mais aos processos de constituição do laço social, como as formas de solidariedade típicas das sociedades modernas e aos mecanismos que as tornaram possíveis, como a divisão do trabalho social.

Desta forma, seria imprescindível atravessar os diversos fenômenos sociais, pelos clássicos da sociologia, para poder avançar em alguns tópicos de debates contemporâneos, todavia, um sociólogo, Norbert Elias, e um teórico social crítico, Edward Said, foram alguns pontos fora da curva que contestaram o modo dominante também de se fazer pesquisa acadêmica, seja pelos seus métodos, objetos de estudo ou enfrentamentos políticos que tiveram durante sua vida. Assim, revisitar ambos os autores para poder aproximá-los teoricamente é objetivo deste artigo, tendo em vista que, do ponto de suas biografias, já aparecem alguns nós de entrelaçamento *outsiders*. Primeiro, é necessário trazer à tona um pouco da história biográfica de ambos os autores para elencar os eventos pessoais que marcaram suas trajetórias, em seguida suas influências acadêmicas, contexto histórico de produção e, por fim, centralizar o ponto de inflexão entre as obras “Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder em uma pequena comunidade” de Norbert Elias (2000) e “Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente” de Edward Said (2003), evidenciando aspectos gerais das obras e focando no conceito de “configuração”, no primeiro, e no “orientalismo como prática discursiva”, no segundo.

2 ELIAS E AS PROFECIAS DE UMA ALEMANHA SEM IMPERADOR

“Hoje em dia, fundamentando-me em minha teoria, penso que os judeus tinham uma característica particularmente desagradável: não admitir sua própria inferioridade” (Elias,

2001, p. 19). Norbert Elias nasceu em 22 de Junho de 1897, filho único de um casal tradicional de judeus chamados Hermann Elias e Sophie Elias, viveu sua primeira vida até os 18 anos na cidade de nascimento, Breslau, na Alemanha, uma cidade influenciada pelos conflitos de tomada de território entre a Prússia, a Polônia e a Alemanha, especificamente marcada geograficamente pelos campos da Silésia. Na maior parte da vida, morou em um bairro majoritariamente de sociabilidade burguesa, todavia, transitou também em lugares marcados por todos os tipos de pessoas ao frequentar espaços públicos diversificados, ao longo de sua trajetória. Seu pai, Hermann, fazia parte de um movimento migratório judeu que veio da cidade de Poznann e era dono de uma pequena fábrica têxtil, que começou a produzir por volta de 1880. Sua mãe, Sophia, aparece na sua história como aquela que fomentava sua sociabilidade nos círculos de “concertos de orquestra” do Teatro Lobe, por exemplo, apesar de que, como o próprio afirma, nunca se sentia adequado nestes ambientes, “não era do seu feitio” (Elias, 2001, p. 15).

Como um judeu alemão, sua vida foi marcada por alguns episódios que denunciavam o lugar social que ocupava, mesmo não sendo de uma classe social pobre: um fato que chamou sua atenção foi durante seu colegial quando, ao dizer que queria se tornar professor, um aluno da classe lhe disse que o caminho que levava ele a esta profissão teria sido barrado no momento que ele nasceu por ser judeu. Apesar do antissemitismo ter crescido bastante no final do século XIX, sua subjetividade só foi abalada radicalmente no sentido de perceber as nuances do mundo em que vivia, com as guerras e a ascensão do nazismo na Alemanha, entretanto, muito *a posteriori* aos eventos vivenciados.

Considerava-se um judeu alemão antinacionalista, uma vez que todos os nacionalistas alemães eram declaradamente antissemitas e não se considerava patriota nem nada deste gênero. Definitivamente, seu sentimento de estar “de fora” de tudo aquilo (sociabilidade burguesa, patriotismo e de estar a par dos conflitos políticos enquanto vivia) lhe conferiu uma posição que considerava ele próprio um *outsider*:

Nunca fui a favor da guerra, nem pelo imperador — sempre fui, no fundo de mim mesmo, contra tudo isso. Provavelmente não falava sobre isso, mas de maneira espontânea e totalmente irrefletida, estava claro para mim que aquele não era meu universo, que eu nada tinha em comum com tudo aquilo. Esse sentimento era muito forte em mim. Pode-se considerar que era uma posição outsider, mesmo sendo incapaz de exprimir isso nesses termos naquela época (Elias, 2001, p. 26).

Em relação a sua trajetória acadêmica, foi marcada por intensos conflitos com seu orientador, principalmente em relação à sua tese, uma vez que seu orientador afirmava que

“o valor objetivo [*geltung*] era eterno e escapa da corrente da História” e o mesmo discordava fortemente, sustentando isso até a sua defesa. Migrou para a área de Sociologia quando foi para Heidelberg, e teve contato com Karl Mannheim e Alfred Weber na posição de *privat-dozent* do primeiro. Assim, Elias pode ser encaixado como um pesquisador que está entre uma contrassociologia das classes médias de inspiração weberiana e uma Sociologia do conhecimento de base marxista, como uma síntese de ambas (Heinich, 2001), entretanto, suas contribuições teóricas, acadêmicas e bibliográficas são sempre demarcadas por esta sociologia “sem lugar definido”, uma sociologia dos “interstícios” beirando uma marginalidade teórica que o tornava singular. Não era sectário a nenhuma escola de pensamento específica, apesar das diversas relações construídas entre os clássicos Marx, Weber e Durkheim em sua teoria, todavia, também possuía importantes aproximações antropológicas quanto ao seu método, simplesmente “Norbert Elias por ele mesmo” (Elias, 2001), como bem intitula sua biografia, dando nome ao seu modo *outsider* de fazer científico.

Sua primeira publicação, após a defesa da tese em Filosofia, se chama “O Processo Civilizador” (Elias, 1939), que possui dois volumes traduzidos pela Editora Zahar no Brasil: o primeiro intitulado ‘A História dos Costumes’ e o segundo, ‘Formação do Estado e Civilização’. Nestes dois volumes, seu objeto de estudo sociológico são os modos de gerenciamento das funções corporais e seu problema de pesquisa se apresenta em compreender como a transição dos modos de organização do corpo, dos afetos, dos sentimentos da sociedade da corte para uma sociedade moderna, se conectam com o nascimento do Estado Moderno. Sua hipótese, portanto, se constitui de que a formação do Estado Moderno instaurou um tipo de controle de “duplo monopólio real: fiscal e da violência legítima” (Heinich, 2001, p. 16) que exige uma lógica interna que entrelaça os indivíduos ao modo de cooperação da divisão das funções do Estado em um processo histórico que se inicia com a queda do feudalismo.

Para realizar tal empreendimento metodológico que segue todas suas obras, Elias recorre a uma articulação entre uma sociogênese (nível coletivo) e psicogênese (nível individual) que fundamenta sua “lei fundamental da sociogenética”, pois “a história de uma sociedade se reflete em uma história interna de cada indivíduo” (Elias, 2018, p. 218 *apud* Heinich, 2001, p. 13). Como instrumentos de coleta de dados, se baseou em livros e manuais de etiqueta da época que definiam como se comportar, compreendendo que os modos de gestão dos afetos organizam a relação da corte entre si e com os outros indivíduos.

Outras obras importantes fizeram parte da sua produção, e podemos citar “A Sociedade da Corte” (1969), “A Sociedade dos Indivíduos” (1987), “A Solidão dos Moribundos” (1982), “Mozart: a sociologia de um gênio” (1991) e a obra enfatizada neste artigo, “Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” (1965). Antes de iniciar o empreendimento analítico, é necessário passar por alguns conceitos básicos que perpassam todo o seu desenvolvimento acadêmico, assim, conceitos como “configuração”, “interdependência” e “equilíbrio das tensões” são trabalhados a seguir.

2.1 Formulando uma Episteme *Outsider*

Segundo Nathalie Heinich (2001), Norbert Elias é considerado um cientista *outsider*, primeiro, por seu campo de estudos sempre estar vinculado a diversas áreas temáticas do conhecimento. Elias se beneficiou tanto da Antropologia, especificamente dos métodos de trabalho de campo etnográficos, da linguagem descritiva dos fenômenos sociais e da relação com os informantes que fundamentam sua concepção teórica. A sua sociologia em “pequenas comunidades” é um exemplo claro de sua aproximação com a observação participante na comunidade da Inglaterra de Winston Parva, por exemplo. Outra questão também interessante é sua aproximação com a Psicologia Social e com a Psicanálise. O próprio desenvolvimento das zonas 1 a 3 no estudo comunitário são uma forma material de representação social das instâncias do sujeito freudiano tripartite (superego, ego e inconsciente) que se utiliza para fundamentar sua teoria. Ainda, trouxe também um grande desenvolvimento para se pensar as relações entre “sociedade” e “indivíduos”, onde ele trabalha essas concepções caras para a Sociologia que, ainda naquela época, lutava contra a visão estruturalista de indivíduo apartado da sociedade ou como um mero produto da estrutura social.

Assim, tomando inspiração ao mesmo tempo que tentava superar a Sociologia do Conhecimento de raiz marxista, do seu professor Karl Mannheim, mas também da noção rígida de sistema de Émile Durkheim, Elias vai construindo ferramentas analíticas para repensar a sociedade, os indivíduos e as relações de poder que coexistem entre eles. Este é o empreendimento sociológico de Elias (2000) com a comunidade estudada no livro, Winston Parva, localizada em uma área suburbana na Inglaterra, próxima de indústrias e de aproximadamente 5 mil habitantes. Esta comunidade era conhecida como um lugar

basicamente simples, sem muitos conflitos históricos, divididas em bairros que são subdivididos em três zonas: a primeira zona, composta por trabalhadores da classe média, e os da Zona 2 e 3, composta pela classe operária industrial. A princípio, não haveria tantas diferenças entre os membros da Zona 2 e 3 pois estes pertencem à mesma condição de classe, entretanto, é exatamente o que move Elias: os membros da Zona 3 eram classificados como “inferiores” e havia um sentimento de amargura dos membros da Zona 1 e 2 em relação a eles.

Elias (2000, p. 52) analisa, portanto, um fenômeno importante, que são as relações de poder intraclasses que exercem mecanismos de exclusão e hierarquização baseados no princípio de “antiguidade”, pois: “[...] distinções similares também podem desempenhar um papel nas relações entre grupos da classe trabalhadora. [...] e em certas condições, a antiguidade de um grupo é considerada um fator de prestígio e sua presença mais recente, um fator de censura”.

O sociólogo, para tentar captar este fenômeno, então, implica-se com o entendimento geral desta comunidade inglesa que estava sendo dominada pelas análises técnicas, tratando como “populações estatísticas” que, mais uma vez, tinham uma visão determinista de sociedade como um amontoado de pessoas (Elias, 2000). Desta forma, ele não abdicou da estatística, mas a reinsere dentro de uma gama de ferramentas metodológicas para analisar o campo junto com as entrevistas e a análise de fichas de registro. Todavia, ainda assim, elas precisavam de um método que desse sentido a elas, pois os estudos, até então desenvolvidos, tinham um caráter homogeneizante das minúcias e especificidades locais dos grupos sociais analisados que ficavam sem “contorno”, sem descrição qualitativa mais precisa, passando uma impressão falsa das relações sociais.

Assim, Elias (2000, p. 56-57) propõe seu método baseado na observação direta e participante (herança antropológica), percepção e interpretação das configurações sociais através das sinopses destes modelos organizacionais de grupos, pois fornecem aos sociólogos um quadro geral “de grande e pequena escala na criação, desenvolvimento e revisão de hipóteses e teorias sociológicas”. “Configuração” é um dos conceitos mais importantes da obra de Elias, pois fundamenta todas as suas premissas em relação às formas sociais, mais bem apresentado como uma tentativa de superação ontológica dos debates estruturalistas baseados em um dualismo entre sujeito/objeto. Um modelo configuracional ou figuracional substitui a causalidade linear (a estrutura provoca a ação social) que liga os agentes de poder por uma noção dessubstancializada movida por uma

circularidade e por uma interdependência das funções de um dado sistema social (Heinich, 2001).

Desta forma, a configuração é, segundo Heinich (2001, p. 123) sobre Elias, “uma situação com dimensão espaço-temporal variável a tal ponto que o que se passa ali produz um efeito sobre todos os seres que nela estão implicados, que contribuem, eles mesmos, com suas ações para modificar esta situação”. Assim, ao retirar o peso do dualismo estrutural, a ênfase recai mais em uma perspectiva relacional entre a rede de indivíduos que compõe uma situação configuracional, uma vez que estes indivíduos estão conectados uns pelos outros, tão conectados que a existência de um acontece justamente pela relação com “o outro”: o outro é constituinte do sujeito da ação como entidades dependentes.

Quando Elias vai para Winston Parva para pensar as dinâmicas entre as zonas de habitação, percebe que a questão da “antiguidade” como demarcador diferencial era um aspecto relacional no qual o “antigo” só existe em função do “novo” e vice-versa: aquilo que é estabelecido só está nesta função justamente pela existência, também, de um grupo *outsider*. Sua análise consiste em perceber a sociodinâmica dos processos históricos que levaram à consolidação de grupos como “estabelecidos-outsiders”, entendendo ambos não como pares de antagonismo, mas como opostos complementares (por isso a utilização do hífen durante o texto para transmitir a ideia de ligação). O conceito de estabelecidos-*outsiders* pode ser aplicado para qualquer grupo social relativamente homogêneo em função de algum aspecto e radicalmente diferente em outro, por exemplo: um grupo é relativamente homogêneo quanto a “classe” e diferente quanto ao “tempo de habitação”).

Dentre as características observáveis entre os grupos estabelecidos, percebe-se a necessidade do que o autor chama de “sociodinâmica da estigmatização” (Elias, 2000, p. 23), no qual os grupos estabelecidos produzem mecanismos de exclusão e inferiorização dos grupos *outsiders*. Nas palavras do próprio autor: “afixar o rótulo de valor humano inferior a outro grupo é uma das armas utilizadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a superioridade social” (Elias, 2000, p. 24). Há, portanto, uma complementaridade entre a alta autoestima social do grupo estabelecido e os processos de exclusão e/ou estigmatização do grupo minoritário.

Geralmente, há um controle rígido do grupo estabelecido sobre seus próprios membros, onde aqueles que contestam as regras endógenas podem ser tidos como traidores e acabarem sofrendo punições, e este controle exerce sobre os membros do grupo um efeito de reforço da imagem-de-si como “verdadeiros” ou “mais puros” do que os outros. Esta “pureza” pode ser lida como uma ferramenta ideológica da manutenção do

poder que, no contexto de Elias (2000, p. 23), é uma crença ou fantasia coletiva compartilhada de ideal de ego, assim, não é difícil que os grupos estabelecidos encontrem uma resposta ao seu poder monopolista como sendo extrínseca ou divina/religiosa.

Quando o diferencial de poder é suficientemente grande, um membro de um grupo estabelecido pode ser indiferente ao que os outsiders pensam dele, mas raramente ou nunca é indiferente à opinião dos seus pares [insiders] - daqueles que têm acesso aos instrumentos de poder cujo controle monopolista ele participa ou procura participar e com que compartilha, no grupo, um mesmo orgulho, carisma coletivo comum (Elias, 2000, p. 40).

Aqui, podemos perceber a influência de Émile Durkheim, especificamente sua noção de “coercitividade do grupo”¹, exercido na relação de interdependência entre as entidades que constituem essas relações de poder. Portanto, chega-se a outro conceito importante para Elias, que é sua atualização do conceito de “sistema” herdada da geometria variável de “plano configuracional” ou “sistemas de interações”. Para o autor, as pessoas se relacionam sempre em uma cadeia de interações sociais relacionais na qual o sentido destas relações sociais não pode ser extirpado do próprio sistema que o constituiu. O “indivíduo” não existe enquanto membro fora do grupo, muito menos o “grupo” existe sem os indivíduos, e a esta característica dá-se o nome de “interdependência”, e o resultado dessa cadeia é um equilíbrio de tensões, pois as relações entre os indivíduos tendem a serem mais harmoniosas do que as entre grupos.

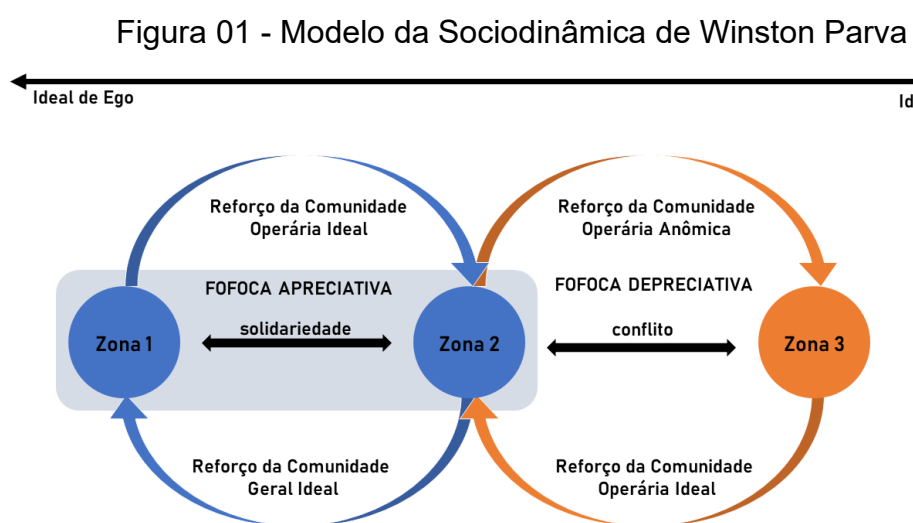
A esquemática de “configuração” e “sistemas de interações” baseados nos princípios de interdependência e equilíbrio das tensões constituem a base teórica-metodológica do arcabouço sociológico desenvolvido por Elias para pensar as relações sociais nas sociedades contemporâneas. Segundo Heinich (2001), sua posição pode ser considerada “nominalista”, pois compreende que “os indivíduos” e “a sociedade” apenas existem como entidades abstratas na linguagem.

2.2 Os Aldeões e os Outsiders: as idiosincrasias do beco dos ratos (Zona 3)

¹ “Se um indivíduo tenta se opor a uma dessas manifestações coletivas, os sentimentos que ele nega se voltam contra ele. Ora, se esse poder de coerção externa se afirma com essa clareza nos casos de resistência, é que ele existe, ainda que inconsciente, nos casos contrários. Nós somos então vítimas de uma ilusão que nos faz crer termos elaborado nós mesmos aquilo que se impôs a nós a partir de fora” (Durkheim, 2012, p. 34).

A Comunidade de Winston Parva tinha algumas peculiaridades quanto a sua constituição histórica: primeiro, ela nasce de um vínculo com a burguesia fabril no seu processo de industrialização, especificamente, Charles Wilson, burguês que foi considerado o fundador da pequena comunidade, tanto que as primeiras ruas tinham a inicial do seu nome. A primeira zona a se consolidar foi a 2, que nasceu em um bairro operário no qual sua história de fundação esteve vinculada a Wilson, pois era contada de geração em geração em seus longos anos de existência. A Zona 1 aparece posteriormente já como um mecanismo de diferenciação de uma classe média em processo de consolidação na região: na sua maioria, eram membros da Zona 2 que subiram de nível hierárquico pela acumulação de riquezas como pequeno-burgueses, no comércio ou a partir da especialização de funções na fábrica. Desta forma, a Zona 1 aparece como um lugar bem sucedido, e os antigos moradores se orgulham bastante deste acontecimento, próximo de um ideal de ego de “nós” ou coletivo.

A última a ser construída, a Zona 3, era referida pelos aldeões como um lugar no qual Charles Wilson não buscou desenvolver por ser “um lugar infestado de ratos” e a apelidaram como “beco dos ratos” (Elias, 2000). Os moradores da zona recém construída eram, em suma, maioria imigrantes londrinos que vivenciaram os bombardeios da guerra e que estavam em uma situação vulnerável ao chegarem na comunidade, e se depararam com um grupo bem articulado e com fortes laços sociais entre si, enquanto os imigrantes não possuíam uma identidade coletiva na qual poderiam se basear, não eram “fundadores”, portanto, não estavam no mesmo patamar de igualdade que os antigos residentes.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Desta forma, os moradores da Zona 3 foram excluídos dos círculos de sociabilidades da “aldeia”, excluídos da opinião pública, não frequentavam os mesmos pubs e não tinham os mesmos costumes, assim, eram constantemente lembrados do seu não-lugar ou do seu lugar de *outsider* da cultura aldeã. Existia, portanto, um comportamento “nômico” (conformista) e um “anômico” (*outsider*) tanto entre os próprios aldeões como na relação aldeões/beco dos ratos: esta atitude reforçava a ideologia de *status* de superioridade entre os membros marcados pela antiguidade e, entre estes últimos, operava um “mito de fundação” que funcionava como justificativa para a exclusão dos imigrantes recém-chegados.

Assim, Elias (2000) evidencia três mecanismos principais que sustentam o lugar de privilégio da comunidade aldeã em Winston Parva: a) as relações de vizinhança; b) as relações de parentesco; e c) processos de estigmatização. O primeiro operava no nível dos bairros da Zona 1 e 2, no deslocamento familiar e ascensão social, bem como em relação à posição geográfica daqueles que se encontravam mais próximos da Zona 3. O segundo nível informa acerca das relações familiares que “tinham como núcleo uma rede estreitamente unida, composta por uma pluralidade de redes familiares matrifocais, algumas das quais formavam uma espécie de elite da ‘aldeia’ e davam o tom das outras” (Elias, 2000, p. 90). Estas famílias se formavam e se associavam em redes e em espaços majoritariamente frequentados por eles mesmos, como igrejas, capelas, pubs, clubes, companhias, comitês políticos e afins, havendo uma presença quase nula de membros da Zona 3, o que já nos revela sobre o último aspecto.

O sentimento comum de ‘fazer parte’, de responsabilidade e dedicação à comunidade natal criava sólidos vínculos entre as pessoas que ali haviam crescido e provavelmente prosperavam juntas. É possível que nem todas gostassem pessoalmente umas das outras, mas partilhavam de um intenso sentimento de identidade grupal. Identificavam-se objetivamente como ‘famílias antigas’ e subjetivamente como ‘nós’ (Elias, 2000, p. 103).

A Zona 3 era considerada um lugar “de gente de outra classe” ou de “egressos das favelas - irlandeses, *cockneys*, sei lá o quê” (Elias, 2000, p. 112), e constituíam um tipo de minoria que era estigmatizada através de processos de “fofoca depreciativa” que rebaixavam o ideal de ego do grupo da Zona 3, que já não tinha elos de solidariedade fortes entre si. Eram tratados como pessoas sem confiança, esquisitas e problemáticas, e os moradores do “beco dos ratos” sofriam com o estereótipo que incidiam sobre eles, de serem causadores de problemas e violentos. Como já estavam inseridos em um processo de

estigmatização, as minorias de pessoas problemáticas tinham um impacto desproporcional quando estes casos aconteciam na Zona 3, pois eram considerados como “essência” do que era ser um verdadeiro morador do “beco dos ratos”, enquanto, quando acontecia em outras localidades, era amenizado.

Assim, o estudo em Winston Parva serviu de base para a microssociologia em pequenas comunidades, como um trabalho empírico baseado em uma observação participante que reformulou as teses da sociologia vigente da época, dominada pelos debates estruturalistas. Elias, a partir de sua posição *outsider*, produziu também uma teoria das Ciências Sociais *outsider* que destoava das disciplinas fixas do conhecimento (cadeiras acadêmicas), dos métodos teleológicos e metafísicos que viam os processos sociais desconectados da história e das filosofias tendenciosas de causalidade formal (Heinich, 2001).

Além disto, Elias foi um grande teórico dos grupos sociais que buscava transcender os limites das normatividades a partir da teorização dos *outsiders* e dos processos de estigmatização, revelando os mecanismos de dominação intra/intergrupo e as formas dessubstancializadas de poder, a partir dos sistemas de relações interdependentes em configuração. Agora, diante do que foi apresentado, será discutida a obra do cientista social e teórico crítico Edward Said, na busca por compreender os pontos de conexão entre ambos.

3 DESLOCAMENTOS *OUTSIDERS* A PARTIR DE EDWARD SAID

Edward Wadie Said foi um sociólogo da cultura e crítico literário importantíssimo para a Ciências Sociais contemporâneas, considerado um dos precursores da virada pós-colonial nas Humanidades, junto com Frantz Fanon. Influenciado principalmente pelos intelectuais indianos e africanos, buscou compreender os efeitos do colonialismo, do imperialismo e do racismo (e do orientalismo mais especificamente) nas práticas sociais operantes, e suas consequências materiais e simbólicas nos processos de dominação.

Edward Said nasceu em 1935, em Jerusalém, era árabe-palestino, e sua vida foi sempre marcada pela experiência de exílio e da dominação imperial: quando nasceu, segundo Bassi (2016), onde vivia estava sobre o mandato britânico da Liga das Nações. Seu pai já havia fugido, quando tinha 16 anos de idade, da convocação dos EUA para a Guerra Búlgara-Otomana e, durante a 1º Guerra Mundial, serviu às tropas estadunidenses

na França, e, após a guerra retorna para a Palestina. Entretanto, com a Guerra Árabe-Israelense, em 1948, sua família é expulsa e vai para o exílio no Líbano, depois para a Cairo, no Egito, onde estudou até 1951, quando foi mandado por seus pais para estudar em Massachusetts, nos EUA, concluindo lá a sua graduação, dando continuidade com seu mestrado, em Princeton (1957), e seu doutorado, em Harvard (1964), especializando-se em Literatura Inglesa.

Como é possível perceber, esse movimento de dupla cidadania palestina-estadunidense de sua família, e seus trânsitos e exílios devido às guerras territoriais, o fez ter uma visão bastante crítica dos acontecimentos que o circundavam. Em 1967, devido à Guerra dos Seis Dias, entre Egito, Síria e Palestina, contra o avanço das tropas israelenses, torna-se mais ávido na luta pela autodeterminação do povo palestino. Em 1968, publicou seu primeiro ensaio político chamado de 'O Retrato Árabe', onde já começa a elaborar algumas de suas ideias sobre a 'erudição orientalista' que só se aprofunda no livro "Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente", publicado em 1978.

Em 1977 foi eleito membro do Conselho Nacional Palestino (CNP) e, no seu início, considerava a binacionalidade (a proposta de dois Estados) como uma solução viável para o conflito entre palestinos e israelenses, e tinha como proposta que as pessoas de Israel, Cisjordânia e da Faixa de Gaza tivessem os mesmos direitos sociais e políticos. Em 1978, lança sua obra sobre o orientalismo, a mais célebre e conhecida delas, seguida de "A Questão Palestina" (1980) e "Cobrindo o Islã" (1981).

Em 1991, ele próprio se demite da CNP como uma forma de protesto contra o apoio do presidente da organização, Yasser Arafat, a Saddam Hussein, durante a Guerra do Golfo. Em 2002, participou da fundação da Iniciativa Nacional Palestina (*Al-Mubadara*) com o intuito de reafirmar a terceira via (diferentemente da proposta da binacionalidade), que defendia a Autoridade Nacional Palestina (ANP). Em 2003, faleceu vítima de leucemia.

Sua trajetória acadêmica é influenciada por todo este contexto histórico, sua participação como militante ativo da libertação palestina, sua experiência de exílio por estar "fora do lugar" constantemente, ocasionada ora pelas guerras, ora pelos deslocamentos raciais que o atravessavam como um árabe nos EUA e como palestino. Sua escrita mescla constantemente elementos que trazem suas experiências de vida, utopias e aproximações políticas com pensadores e intelectuais da diáspora e do exílio.

3.1 Uma Epistemologia do Exílio: a crítica ao Império Colonial

O teórico Edward Said construiu seu pensamento a partir da sua experiência como um *outsider* dos sistemas sociais em que estava inserido: sua narrativa, ao se defrontar, em contextos americanos e britânicos, com sua origem árabe-palestina, e quando estava em território egípcio, com sua origem inglesa, o marcou profundamente. Os trânsitos, exílios e deslocamentos o colocaram em um constante choque de realidades contrastantes, ora como um *outsider* na Nação Imperial, ora no seu próprio território como um palestino. Tal fato o fez se aproximar de alguns autores que foram importantes na sua formação acadêmica e política, que constituíram as bases sobre as quais ele próprio pôde reconstruir sua história de origem e também pensar sobre as situações que experienciou em sua vida.

“Fora de Lugar” (2004) é o nome de sua autobiografia que se complementa com “Reflexões sobre o exílio e outros ensaios” (2003), obras que retratam sua trajetória político-ideológica, aproximações e afastamentos. Dentre os diversos intelectuais dos quais Said é leitor, é imprescindível citar as influências de alguns deles: Frantz Fanon, Amílcar Cabral, Walter Rodney e Aimé Césaire. Os autores precedem os estudos sobre o colonialismo europeu em África e sobre os efeitos da exploração e dominação cultural e econômica sobre as colônias. Nos livros supracitados, há diversas menções, desde obras teóricas até literatura (como um bom crítico literário, reconhecia o valor de obras não acadêmicas para a produção do conhecimento social, tópico que será mais abordado posteriormente).

Todos os autores estiveram, assim como Said, no olho do furacão dos acontecimentos, vivenciaram guerras, exílios e trânsitos, assim como tiveram contato com os processos de libertação locais das colônias europeias em África, logo:

O essencial e que precisa ser desenvolvido é a disposição política para levar a sério as alternativas ao imperialismo e admitir, nas palavras de Aimé Césaire, que “nenhuma raça tem o monopólio da beleza, da inteligência, da força, e há lugar para todos no encontro da vitória” (Said, 2003, p. 81-82).

Este lugar compartilhado, bem como a teoria sociológica dos oprimidos em relação aos processos de dominação, marcou a primeira onda dos autores da crítica ao colonialismo europeu e ao imperialismo estadunidense, posteriormente. Os autores nos quais Said se inspira forneceram uma base para a contestação dos modos hegemônicos de produzir conhecimento sobre os “Outros”, como um objeto apropriado pelas potências capitalistas imperiais como *locus* primordial de exploração, vide o genocídio em território

africano da multiplicidade étnica e cultural em função da acumulação primitiva do capital e escravização para mão-de-obra.

Assim, os intelectuais que fundamentaram as bases para o que depois ficou conhecido como “pós-colonialismo”, tinham como o objetivo, segundo Miglievich-Ribeiro (2020, p. 78) “exigir a coautoria no empenho para dar inteligibilidade ao mundo moderno, que se ergueu sobre o sistema colonial”. Fanon, como um dos cânones da crítica ao colonialismo, deixou de legado para Said que a dialética entre colonizador/colonizado se imbrica na produção da experiência de dominação imperial para a exploração (Miglievich-Ribeiro, 2017). Aimé Césaire ensinou a Said sobre a reapropriação do lugar do subalternizado, sobre não aceitar o lugar predestinado de ausência ou de inferioridade, tampouco aspirar a branquitude, mas sobre celebrar as suas raízes, nas palavras do próprio:

Se os negros foram outrora estigmatizados e ganharam um status inferior ao dos brancos, então torna-se necessário não negar a negritude e não aspirar a ser branco, mas aceitar e celebrar a negritude, dar-lhe a dignidade do status poético e metafísico. Desse modo, a negritude adquiriu um Ser positivo, onde antes fora uma marca de degradação e inferioridade (Said, 2003, p. 131).

Desta forma, Said se inspirou neste autores para construir uma narrativa ‘contracolonial’ ou ‘contradiscursiva’ ao projeto de conhecimento hegemônico que constrói o outro como subalternizado e para pensar uma alternativa. Outro teórico importante que Said teve como base foi o Michel Foucault, autor que, inclusive, entra em conflito constantemente com o seu pensamento, mas, mesmo assim, é possível afirmar que todo o seu método de análise social decorre de uma base foucaultiana do poder.

A virada que Foucault exerceu, não só em relação a Said, mas sobretudo nas Ciências Humanas e Sociais, foi imprescindível para o significado da “virada linguística” aos estudos pós-estruturalistas, uma vez que foram responsáveis por revelar a voz dos agentes de poder no processo de desnudamento das estruturas de naturalização da cultura dominante. Segundo a socióloga Adelia Miglievich-Ribeiro (2017, p. 452):

[...] o pós-estruturalismo, com seu foco na produção discursiva como um jogo de poder, com sua rejeição à razão universal ou fundacional e a afirmação do descentramento do sujeito e da indecidibilidade que refuta qualquer identidade fixa [...] é reapropriado pelo pós-colonial que o torna visível na promoção das vozes subalternas.

Logo, o exercício dos autores do pós-colonialismo que bebem da fonte foucaultiana é de operar a '*diferença colonial*' e a recusa aos polos naturalizados como pares de oposição: "oriente/ocidente, masculino/feminino, desenvolvido/subdesenvolvido" (Miglievich-Ribeiro, 2017, p. 152). Este movimento crítico de alteridade antropológica consegue situar a geopolítica da produção do conhecimento intelectual e o lugar que os autores subalternizados ocupam na divisão social do trabalho intelectual das ciências humanas e sociais, bem como de construir alternativas ao poder colonial universalista, inclusive sobre o que propriamente é considerado saber científico/não-científico.

Além disto, outros autores que influenciaram bastante a formação teórica de Said foram Freud, Nietzsche e Adorno, o primeiro sobre a leitura da Psicanálise, o segundo sobre a Filosofia da Linguagem e o último com o conceito da "dialética negativa". Suas relações com Freud são mais bem descritas em seu livro "Freud e os Não-europeus" (2004), entretanto, o "modelo de repressão" é considerado por Said um exemplo para compreender as representações subjetivas do inconsciente (da cultura) e a formação da subjetividade do subalternizado. Sobre Nietzsche, Said ressalta a busca da:

[...] conexão entre as características da linguagem como uma forma de conhecimento, percepção e comportamento humanos e aos fatos fundamentais da realidade humana, ou seja, vontade, poder e desejo [...] sua duplicidade escondida e em sua aliança com o poder e a hierarquia (Said, 2003, p. 13).

Por fim, Adorno fornece para ele uma leitura da superação dialética do "lugar de oriente" como um lugar de resignação ou um fim último, sem escapatória, na qual o movimento de superação da condição de subalternizado persiste como uma causa do movimento que dá vida à luta política. A infelicidade de ter consciência social deste lugar ainda é "melhor" do que a paralisia e a impotência do silenciamento, que seria a ausência de movimento. Agora que as bases do pensamento de Said estão relativamente edificadas até o momento, se prosseguirá com a análise da sua obra primordial que é considerada o marco fundador do campo 'pós-colonial', intitulada de "Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente", de 1978.

3.2 O 'orientalismo' como discurso

A empreitada de Said, ao se debruçar sobre o orientalismo, foi um ato de contestação que o reposicionou como *outsider*, da posição de exílio a um pesquisador implicado em

compreender as questões históricas e culturais que a sua situação pessoal, mas também coletiva, lhe imputou como um exilado ou fora do lugar, um árabe-palestino. Assim, “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (1978) desvela as estruturas de dominação do Ocidente em relação ao seu outro complementar, o Oriente. Sua abordagem, apesar do respaldo da crítica literária, é eminentemente sociológica ao operar a desnaturalização das relações sociais estabelecidas e buscar compreender o que ele chama de orientalismo, ou seja, “um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia” (Said, 2007, p. 27).

Assim, o objeto de estudo de Said neste livro é o que ele denomina como ‘orientalismo’, que pode ser definido como um modelo discursivo cultural que, por meio de práticas sistemáticas e disciplinares, produz um outro imaginário (o Oriente). Seu método de pesquisa é baseado nas elaborações de Michel Foucault sobre o “discurso” (Foucault, 2013) como categoria analítica desenvolvida em ‘A Arqueologia do Saber’ (1969), conhecido como “método arqueológico”. Além disto, tem como hipótese que a gênese do ‘orientalismo’ deriva de uma forma de intimidade particular experimentada entre a Grã-Bretanha, a França e o Oriente, de maneira relacional.

É necessário definir primeiramente o ‘orientalismo’ que, com base em Said, pode ser dividido em dois tipos históricos: o franco-britânico e o americano. Em relação ao primeiro, foi a forma inicial de orientalismo desenvolvida durante as expedições da França e da Inglaterra nos processos de colonização e exploração das regiões do Oriente. O segundo tipo, nasce a partir da imagem do extremo-orientes após as guerras mundiais, do perigo islâmico e o perigo amarelo como “ameaças” vinculadas ao terrorismo de Estado contra o Ocidente. Desta forma, ‘orientalismo’ pode ser: a) campo de estudos: neste caso, é considerado uma área do conhecimento científico onde há ‘especialistas’ que se dedicam a estudar o Oriente e seus aspectos culturais, uma disciplina acadêmica ocupada por historiadores e filólogos (Said, 2007, p. 28-29); b) estilo de pensamento: é uma forma de ser ‘oriental’, é um jeito de existir no mundo marcado excepcionalmente pela diferença em relação ao modo de ser Ocidental produzida principalmente por etnógrafos, romancistas, sociólogos e etc., que atribuíram uma “mentalidade oriental” (Said, 2000, p. 29); c) instituição colonial: que é “autorizada a lidar com o Oriente - fazendo e corroborando afirmações ao seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o; em suma [...] um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (Said, 2000, p. 29).

Said opera as categorias de Oriente-Occidente muito próximo de como Elias faz sobre os Estabelecidos-Outsiders, como pares complementares (e não antagônicos), onde a existência de um se imbrica na outra, tornando-se inseparáveis. A existência do Occidente só foi possível porque o Oriente surgiu como seu sustentáculo, como um outro histórico, político e culturalmente criado para servir aos interesses de dominação imperial. Desta forma, é necessário compreender como é que Said busca apreender esta rede de relações e de interesses imbricados na produção deste outro, assim, sua ênfase é no estudo do orientalismo franco-britânico e seu campo empírico é a produção literária sobre o Oriente, especificamente, a ‘erudição bíblica’ e ‘erudição orientalista’, mas também o acervo de romances, poesias e crônicas de viajantes em missões e expedições coloniais.

Para tal, ele busca operar através do que já foi identificado como “virada linguística”, influenciada pela Filosofia da Linguagem que inspirou nas Ciências Sociais a premissa pós-estruturalista que depois serviu para antropólogos e sociólogos, como Clifford Geertz, em “A Interpretação das Culturas” (1973), de que a sociedade pode ser lida como um texto. Said opera através da mesma matriz de pensamento de dois aspectos principais para classificar e compreender as obras literárias: 1) “localização estratégica” (Said, 2007, p. 50), que diz respeito à descrição do lugar cultural e material que o autor da obra se encontra; e 2) “formação estratégica” (Said, 2007, p. 50): que significa pensar as relações que produziram o texto em si, sua correlação com os textos que fazem parte do mesmo grupo ou gênero literário, a relação com os outros textos (referenciação e intertextualidade) e as maneiras que estes ganharam relevância ou autoridade em determinada cultura (Said, 2007).

O autor enfatiza os modelos narrativos como ferramentas de análise textual através do emprego da voz passiva-ativa, tipos de estruturas textuais, imagens, cenários, temas, motivos, metáforas e todo o arcabouço simbólico utilizado para representar o Oriente e falar em seu nome. Ele divide o texto em duas partes: a superfície exterior, que seria a parte do texto que se relaciona com a cultura, a sociedade, os ideais compartilhados, os estereótipos etc., e a parte oculta ou superfície interior, que teria relação com os aspectos psicológicos ou motivações pessoais, biográficas da história de vida do autor (e da significação do evento). Sua análise se concentra majoritariamente no primeiro, por pretender captar a forma de como o mundo exterior é descrito e os efeitos de poder que esta ação produz: “a exterioridade da representação é sempre regida por alguma versão de truísmo de que, se o Oriente pudesse representar a si mesmo ele o faria; como não pode, a representação cumpre para o Occidente e, *faute de mieux*, para o pobre Oriente” (Said, 2007, p. 51).

Destarte, parte-se do pressuposto sociológico de que “o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente ali, assim como o próprio Ocidente tampouco está ali” (Said, 2007, p. 31) e que não é a geografia física que determina o lugar, mas sim as construções históricas e culturais criadas pelo próprio homem. Assim, para analisar os processos de erudição, traz alguns exemplos do conde conservador britânico Benjamin Disraeli, com o seu romance “Tancredo ou a Nova Cruzada” (1847), onde representa o “Oriente” como um lugar possível para os ocidentais irem fazer “carreira”, não importando, portanto, se o que eles chamavam de Oriente tinha uma diversidade cultural, histórica e política própria, mas o que o chamado “Leste” significava para os colonos. Desta forma, Said (2007, p. 32) explica que sua intenção não é de verificar empiricamente se as ideias orientalistas de fato correspondem ao oriente real, dado que o orientalismo se baseia numa construção imaginária (não precisa ter fundamento na vivência real do “Outro”), o que se busca, portanto, é compreender “a coerência interna do Orientalismo e suas ideias sobre o Oriente (o Leste como uma carreira)”.

Um outro exemplo que Said analisa é a experiência do encontro de Gustave Flaubert, um escritor e romancista francês, ao viajar para o oriente em 1849 e se deparar com uma cortesã egípcia chamada Kuchuk Hanem: o francês sempre falava por ela e representava ela unicamente pela sua ótica. A síntese desta experiência para o leste se evidencia nas páginas do considerado “clássico” da literatura francesa, intitulado *Madame Bovary* (1856). Said se utiliza destes “modos de produção discursiva” sobre o Outro (nesse caso, o Oriente) para justificar sua ideia de que estes modelos representacionais não eram aleatórios, mas se configuravam como um padrão de constituição do sujeito Ocidental Europeu.

Said (2007, p. 33) também recusa que o orientalismo seja somente um sistema de ideias falsas e diz que é na verdade um “sistema de poder euro-atlântico sobre o Oriente”. Desta forma, se volta para as ideias de Antonio Gramsci sobre a divisão entre sociedade civil (composta por associações voluntárias) e sociedade política (instituições estatais), situando a “cultura” como pertencente à esfera civil, uma vez que neste segmento da sociedade acontece uma disputa de influências de ideias através do consenso. Em sociedade não-totalitárias é a hegemonia que garante a durabilidade das ideias predominantes e, portanto, é este o princípio de sustentação do ‘orientalismo’ (Said, 2007).

Voltando à relação freudiana do sujeito ocidental, o ‘orientalismo’ é o que garante a ideia do intragrupo de “nós” (ideal de ego) que supõe possuir características intrínsecas que os tornam superiores aos “não-europeus”: esta é a diferença na qual se fundamenta a dominação europeia, a naturalização da distinção ontológica entre modos de ser europeus

e não-europeus que posiciona a Europa como dominante. Alguns exemplos de orientalistas que atuaram nesse sentido foram o historiador e gramático britânico Edward William Lane com “Maneiras e Costumes dos Egípcios Modernos” (1836), o linguista francês Silvestre de Sacy, especialista na gramática árabe, que escreveu “Coletânea Árabe” (1826) e uma obra inglesa de literatura erótica chamada “O Turco Lascivo” (1828).

O que todas essas obras supracitadas tinham em comum era o modo de representação sobre o Oriental (e, conseqüentemente, o Oriente), desta forma, Said observa a existência de um modo de produção discursiva que posiciona e regulamenta os lugares de poder baseados na construção imaginária do Outro (Oriente) e do Eu (Ocidente) e comenta sobre a obra de Ésquilo chamada “Os Persas”, como que “a proximidade dramática da representação em Os Persas obscurece o fato de que o público está assistindo a uma encenação altamente artificial de algo que um não-oriental transformou em símbolo de todo o Oriente” (Said, 2007, p. 51).

Tal fato é de extrema relevância sociológica, uma vez que o lugar do “eu” foi apagado da literatura como uma posição discursiva pelas categorias de “humanistas” ou “especialistas eruditos” como se o Ocidente não operasse também pressupostos políticos e filosóficos ao assumir a presunção autoritária de definição, constituição e determinação do que é ser o Outro (Said, 2007). Assim, o conhecimento, ao contrário de ser apolítico ou neutro, é, na verdade, uma posição ideológica dentro da configuração de poder estabelecida como legítima que favoreceu a naturalização da posição ocidental. Os conhecimentos que tentavam, inclusive, revelar esta sociodinâmica do poder como Edward Said fez, eram taxados de serem “políticos” e os eruditos como “neutros”, mecanismo, inclusive, já explicado por Elias em Winston Parva.

Não há nada misterioso ou natural sobre a autoridade. É formada, irradiada, disseminada; é instrumental, é persuasiva; tem status, estabelece cânones de gosto e valor; é virtualmente indistinguível de certas ideias que dignifica como verdadeiras, e de tradições, percepções e julgamentos que forma, transmite, reproduz. Acima de tudo, a autoridade pode, na verdade deve, ser analisada (Said, 2007, p. 49-50).

Ainda, Said explicita que “o oriente” como campo de estudos precisou ser inventado para depois ser estudado, logo, compreender o oriente como “complexo” era o pressuposto político das empreitadas coloniais franco-britânicas para instaurar as missões de “esclarecimento” para os impérios. Esse esclarecimento (erudição) serviu para reposicionar a Europa (e depois os Estados Unidos) num plano configuracional que distribui o poder de maneira assimétrica, assim, o orientalismo assume a função:

[...] sobretudo de discurso que não está absolutamente em relação correspondente ao natural, mas é antes produzido e existe num intercâmbio desigual com vários tipos de poder, modelado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como um regime imperial ou colonial), o poder intelectual (como às ciências dominantes, por exemplo, a linguística ou a anatomia comparada, ou qualquer uma das modernas ciências políticas), o poder cultural (como ortodoxias e os cânones de gosto, textos, valores), o poder moral (como ideias sobre o que “nós” fazemos e compreendemos (Said, 2007, p. 41).

4 CONCLUSÃO

Neste texto, foi possível perceber, tanto com Norbert Elias como com Edward Said, como que as relações de poder atuam de maneira a criarem as condições sociais e culturais de existência de grupos sociais através da noção de sistemas interdependentes de significação, que possuem efeitos materiais sobre a distribuição dos sujeitos, geralmente, uma forma assimétrica. É possível estabelecer vínculos entre as análises de ambos os autores, por exemplo, ao compreender que em Winston Parva, a “antiguidade” ocupava a função de modelo discursivo que fundava os termos de reconhecimento dos grupos entre os “aldeões” e os moradores dos ‘becos dos ratos’, existia uma forma continuada de práticas institucionais, políticas e culturais que fabricava esta relação de exclusão e, de certa maneira, dominação grupal em função deste demarcador.

Trocando os termos para exemplificar de outro jeito, é possível compreender que o “orientalismo” é também um plano configuracional onde posições de poder atuam em um sistema interdependente de representação sobre o Outro (e sobre si mesmos, sobre o Ego), no qual há posições legitimadas e autorizadas a falar, posicionar o lugar do Oriente para que, assim, fabriquem a si mesmos como Ocidente. Os “orientalistas” e “eruditos” ocupavam a função de *in-group* como comunidade europeia e os não-europeus foram “orientalizados” e “exotificados” por meio de características que reforçam uma idiossincrasia do modo de ser cultural (diferença ontológica).

Edward Said avança um pouco mais na teorização de Elias, no sentido de que a teoria de Said é um ponto de produção epistemológica do *out-group* que revela as posições da configuração e mecanismos ideológicos de superioridade e estigmatização. Said conseguiu fazer o que os moradores do ‘beco dos ratos’ não conseguiram com êxito: contestar a narrativa do *in-group* (o Ocidente, ou os Aldeões no caso de Elias) que os colocava em constante exílio e deslocamento, produzindo uma teoria sobre a

processualidade histórica do ser *outsider* dentro de um mesmo plano configuracional, entretanto, reposicionando o lugar discursivo.

REFERÊNCIAS

- BASSI, Danilo Guiral. Edward Said: um perfil intelectual. **Revista Malala**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 130-151, 2016.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Edipro, 2012.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- HEINICH, Nathalie. **A Sociologia de Norbert Elias**. Bauru: EDUSC, 2001.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. “Pós-colonialismo”. In: SELL, Carlos Eduardo; MARTINS, Carlos Benedito (org.). **Teoria Sociológica Contemporânea**: autores e perspectivas. São Paulo: Annablume, 2017. p. 450-474.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. A virada pós-colonial: experiências, trauma e sensibilidades transfronteiriças. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 123, p. 77-96, 2020.
- SAID, Edward. **Sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

ORIENTALISMO COMO CONFIGURAÇÃO: APROXIMAÇÕES OUTSIDERS ENTRE NORBERT ELIAS E EDWARD SAID

Anthony Nunes Rodrigues Oliveira

Mestrando em Sociologia (PPGS)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFS)
São Cristóvão-SE, Brasil
anthony.nro@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-2622-2194>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Jasiel de Brito Côrtes, 715, Jabotiana, Aracaju, SE – 49095-780

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Ivan Fontes por me incentivar a escrever e publicar este artigo.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa foi possibilitada pela bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

CONFLITO DE INTERESSE

Este artigo foi desenvolvido a partir de elaborações próprias da minha pesquisa na disciplina de Teorias Sociológicas do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS).

LICENÇA DE USO –

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO:

Recebido em: 14/04/2024

Aprovado em: 13/06/2024

Publicado em: 05/08/2024